



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16546 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 04 - Didática

ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: UM ESTUDO DE CASO DA ABRAÇO CULTURAL
 Carolina de Oliveira Vieira - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
 Claudia Miranda - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: UM ESTUDO DE CASO DA ABRAÇO CULTURAL

"Esta é a língua do opressor, mas preciso dela para falar com você."

Historicamente, a linguagem foi um instrumento de dominação. Para Mignolo (2005), as línguas e sua hierarquização foram parte integrante do projeto civilizador e da ideia de progresso. O uso de línguas estrangeiras, seja imposto ou escolhido, está permeado por relações de poder. No Sul global, a história é marcada por essas relações, como evidenciado em dois momentos cruciais. Na citação acima, Adrienne Rich (apud hooks, 2013, p. 42) destaca a consciência da necessidade de usar a língua do opressor para dialogar e acessar espaços.

Durante a expansão do Império Romano no século VI aEC, o latim foi adotado na Península Ibérica, exceto pelos bascos (TEYSSIER, 2007), e também em parte da África e Ásia ocidental (CARDOSO, 1999). O português e o espanhol, impostos durante a colonização (SANTANA, 2020), são as línguas oficiais da maior parte dos países latinoamericanos até hoje. Mesmo após a independência, na segunda metade do século XX na África, muitas línguas europeias persistem como oficiais. Por exemplo, a República Democrática do Congo mantém o francês como língua oficial (NAMASHUNJU, 2014), apesar do seu rico patrimônio linguístico, que conta com aproximadamente 250 línguas (lingala, kituba,

quicongo, dentre outras).

No contexto pós-independência do Brasil, o inglês, espanhol e francês já fizeram parte dos currículos. Atualmente, o inglês é a única língua cujo ensino é obrigatório nas escolas brasileiras. A aprendizagem de outras línguas estrangeiras dos países centrais se dá, então, majoritariamente em espaços não formais de aprendizagem, como cursos livres. Esses contextos frequentemente utilizam materiais provenientes de países europeus ou norte-americanos, como é o caso da Aliança Francesa e do Instituto Cervantes.

O Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, elaborado pelo Conselho da Europa na década de 1990, é largamente utilizado como referência em cursos livres e ainda reflete estruturas de poder dos países centrais. A representação dos países do Sul em materiais de ensino continua problemática, com grandes editoras frequentemente retratando esses territórios de maneira exótica. Essa perspectiva hegemônica perpetua a colonialidade, mas já é possível reconhecer movimentos de descolonização em cursos livres de idiomas criados no Brasil, como é o caso da Abraço Cultural, organização do terceiro setor que, desde 2015, oferece cursos de árabe, francês, espanhol e inglês ministrados por professores refugiados, com perspectiva decolonial e referências culturais do Sul global.

Em minha pesquisa de mestrado, iniciada em março de 2024, busco investigar as práticas que revelam e, principalmente, que subvertem essas relações nas aulas dos cursos dos módulos iniciantes (1 e 2) de inglês, espanhol e francês oferecidos pela unidade do Rio de Janeiro da Abraço Cultural. A escolha de um curso livre como contexto da minha pesquisa se dá pela compreensão de que, sendo o conhecimento de línguas estrangeiras requisito para a continuidade dos estudos acadêmicos, os cursos livres de idiomas têm papel fundamental na formação de professores, pesquisadores e intelectuais no Brasil. Além disso, minhas experiências como professora ocorreram majoritariamente nesses contextos. Finalmente, minha atuação profissional no núcleo pedagógico da Abraço Cultural tanto fortalece o meu desejo em analisar e documentar as práticas realizadas nas salas de aula quanto me permite estar em uma posição de acesso facilitado a materiais, documentos e salas de aula da organização.

Atualmente, estou conduzindo uma revisão bibliográfica multidisciplinar sobre perspectivas pós-coloniais, decoloniais e contracoloniais, pedagogia decolonial, interculturalidade e estudos migratórios. De momento, compõem meu referencial teórico Aníbal Quijano, Catherine Walsh, bell hooks, Vera Maria Candau. Paralelamente, estou levantando publicações acadêmicas nas quais a Abraço Cultural foi citada e/ou analisada. Das 25 publicações identificadas até o momento, 8 têm a instituição como objeto central de

pesquisa, enquanto 17 a mencionam em suas referências. Quanto ao tipo de publicação, 12 são dissertações de mestrado, 3 são teses de doutorado, 5 são artigos em revistas científicas, 4 são monografias e 1 é um resumo de trabalho. As palavras-chave mais frequentes nessas publicações incluem "refugiados", "cultura", "integração" e "empregabilidade". Desde as Ciências Sociais até as Humanidades, como Letras e Comunicação, a pesquisa sobre a Abraço Cultural destaca a relevância do tema para diversas áreas do conhecimento. Apesar de apenas três pesquisas terem sido realizadas em programas de pós-graduação na área de educação, espero que minha pesquisa possa contribuir significativamente para o campo, aprofundando a compreensão das práticas pedagógicas decoloniais no ensino de línguas estrangeiras, bem como as contribuições da educação popular e das práticas do terceiro setor para as salas de aula da educação formal.

Palavras-chave: decolonialidade; ensino de línguas estrangeiras; migração; interculturalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CARDOSO, Z. A. Iniciação ao Latim. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CONSELHO DA EUROPA. Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação. Edição portuguesa. Porto: Edições Asa, 2001. Disponível em: http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf. Acesso em 20 nov. 2023.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MIGNOLO, W. D. La idea de América Latina: La herida colonial y la opción de colonial. Barcelona: Gedisa Editorial, 2005.

NAMASHUNJU, Samuel Matabishi. Les langues nationales congolaises et le français : quelles stratégies pour un partenariat prometteur ? Pessac : Presses Universitaires de Bordeaux, 2014.

SANTANA, Caio. Um Brasil de 154 línguas. Jornal da USP, São Paulo, 13 jan. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=293951>. Acesso em 20 nov. 2023.

TEYSSIER, Paul. História da língua portuguesa. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

